

SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO**ENTRE O FATO E A SEDUÇÃO: A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS NAS
CAPAS DA REVISTA VEJA***Fernanda Nunes Machado¹**Ana Nelcinda Garcia Vieira²***RESUMO**

Ao pensar-se na desmotivação que há entre os jovens na sala de aula e, ao mesmo tempo, na espontaneidade, criatividade e processos cognitivos que são características marcantes dessa faixa etária, opta-se por refletir como o gênero discursivo capa de revista torna-se um subsídio para preencher determinadas lacunas existentes nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Médio. Pretende-se analisar como esses conteúdos verbo-visuais constroem sentidos através dos implícitos, a fim de formar leitores mais críticos, reflexivos e engajados com a aprendizagem da nossa língua. O percurso teórico está delineado pela teoria bakhtiniana dialógica da linguagem no que tange aos gêneros discursivos e as análises dos elementos dispostos nas capas jornalísticas são conduzidas pela teoria de Roland Barthes, no que se refere à identificação das conotações construtoras de sentidos do paradoxo fotográfico.

Palavras-chave: Gêneros discursivos. Capas de revistas. Leitura. Implícitos.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho com os gêneros discursivos tem sido amplamente valorizado no campo da Educação, e mais especificamente, no ensino da Língua Portuguesa. Toma-se como referência os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), publicados na década de 90, e que visam uma elaboração e reelaboração do currículo (Brasil, 1998). No que concerne ao ensino de Língua Portuguesa, os gêneros discursivos não são mais estudados como palavras e/ou frases independentes, passando-se a

relevar o contexto enunciativo e as implicações pragmáticas onde o sujeito é o principal interveniente na construção de sentidos.

Ao ler, o bom leitor infere sentidos através do texto, dialoga com as pistas oferecidas, explícitas ou implícitas, sendo capaz de estabelecer o que Bakhtin (2010) chama de “compreensão responsiva ativa.”. Nessa perspectiva, busca-se, através do gênero capa de revista, refletir a sua importância como um provável subsídio para explorar a criatividade e a criticidade dos alunos em sala de aula.

As capas de revistas, consideradas por Bakhtin como um gênero de maior complexidade, possibilita o estudo enunciativo-discursivo, na medida em que se considera os elementos envolvidos para a produção, os efeitos utilizados a fim de persuadir e chamar a atenção dos leitores, e a recepção envolvendo a maneira como, efetivamente, os fatos trabalhados no desígnio de produzir significações chegam até os olhares do público.

2 EMBASAMENTO TEÓRICO

2.1. O trabalho com o gênero discursivo

O termo “gêneros discursivos” surgiu a partir do linguista russo Mikhail Bakhtin, o qual defende a tipologia sociointeracionista da linguagem, considerando o enunciado como o produto da interação social, entendido como um elo de uma cadeia, estando sempre ligado aos discursos que o precedem e aos que o sucedem. É por fazerem parte, efetivamente, das relações do cotidiano, que tais enunciados são considerados “relativamente estáveis”, e assim denominados “gêneros discursivos”. São três os parâmetros para se definir um gênero discursivo: conteúdo temático, estilo verbal e a construção composicional. (Bakhtin, 1996).

Dessa forma, os gêneros discursivos sofrem variações de acordo com as necessidades de cada esfera da atividade humana e são movidos por vozes dialógicas encontradas nas relações de diferentes níveis e contextos. Na perspectiva bakhtiniana, tal princípio dialógico constitutivo de toda comunicação humana é o eixo norteador da teoria dos gêneros do discurso, aparecendo através de duas formas: o dialogismo entre os sujeitos e entre os discursos. Aborda-se aqui o dialogismo no

discurso, no interior da palavra, engendrado de valores e definições, fazendo com que o falante se depare com inúmeras vozes presentes em seu objeto e ao redor dele. Conforme Bakhtin:

A palavra é o signo ideológico por excelência, pois, produto da interação social, ela se caracteriza pela plurivalência. Por isso é o lugar privilegiado para a manifestação da ideologia; retrata as diferentes formas de significar a realidade, segundo vozes, pontos de vista daqueles que a empregam. Dialógica por natureza, a palavra se transforma em arena de luta de vozes que, situadas em diferentes posições, querem ser ouvidas por outras vozes. (BAKHTIN, 2006, p.19)

Não há como dissociar o caráter ideológico da linguagem na comunicação entre os falantes. Ao expressar suas ideias, e até mesmo ao silenciar, os indivíduos carregam consigo uma carga ideológica manifestada no signo, e é a partir desses atos enunciativos e da plurivalência da palavra que os sentidos estão incutidos.

As capas, assim como o conteúdo do interior da revista, porém com maior ênfase, utilizam-se de recursos verbais e visuais, fazendo com que muitas vezes os fatos sejam distorcidos. Dessa forma, os acontecimentos são interpretados com maior ou menor relevância pelo público receptor, dependendo do posicionamento sustentado pelo veículo. Segundo Bakhtin (2006, p.302):

Ao falar sempre levo em conta o fundo perceptível da percepção de meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele.

Mesmo que os leitores tenham conhecimento das informações veiculadas pela revista e estejam conscientes da sua linha ideológica, há que se considerar também a carga ideológica do próprio receptor, a qual envolve os seus conhecimentos prévios, as suas crenças, as suas experiências. Esses fatores colaboram para que os enunciados não se esgotem em si mesmos, podendo atingir significações diversas, que só dependem da “atitude responsiva ativa” do público.

2.2. A leitura no ensino de Língua Portuguesa

A partir dos anos 80, a concepção formalista do ensino da língua materna, focada principalmente na ortografia e na sintaxe, cede lugar a novas visões e teorias

baseadas no sociointeracionismo, no uso da palavra no interior do discurso, valorizada no contexto linguístico. Ressaltam-se além das formas da língua, as suas relações com as situações de uso e com os processos mentais dos alunos, além da importância da identificação de determinadas pistas linguísticas para inferir o que muitas vezes não está exposto naquilo que é lido.

Cabe então ao professor, enquanto mediador entre o aluno e o conhecimento, não agir como mero transmissor da Língua Portuguesa, mas como pesquisador e formador de cidadãos críticos e conscientes, capazes de dialogar com o autor e com o texto proposto, de construir, identificar e recuperar sentidos nos textos. Além disso, um bom leitor relaciona a leitura de um conteúdo com seus conhecimentos de mundo e com os outros textos já lidos. Para Moita Lopes (2002):

Leitura é um processo de construção de significado que se realiza na interação entre leitor, texto e contexto. Dessa forma, o texto deixa de ser um puro pretexto para ensinar determinadas estruturas e elementos lexicais que o professor ou o livro didático julgam importantes.

Assim, atividades com a leitura não podem se reduzir ao livro didático, através de perguntas sistemáticas ou exercícios baseados em métodos inadequados, mas devem explorar as funcionalidades reais do texto e as potencialidades dos sujeitos. Os alunos também se sentem estimulados a aprender quando o professor leva para a sala de aula materiais que possibilitam a reconstrução do conhecimento e diversas interpretações. Leffa (1996) ressalta “o ato de ler como sendo a extração de significado do texto e atribuição de significado ao texto.”

Nessa perspectiva, o trabalho com os gêneros discursivos vem se expandindo no ensino de português porque, além de fazerem parte da realidade do aluno, facilitam o estudo de elementos discursivos sem requer aparatos especiais, em face de algumas precariedades encontradas principalmente no ensino de escola pública. Além disso, gêneros como as capas de revistas podem motivar os alunos na descoberta dos implícitos verbais e não-verbais, os quais estão sempre enredados na trama discursiva específica desse gênero jornalístico.



3 ANÁLISES: A CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DE UMA IMAGEM

3.1. Rumo ao objetivo

O recorte analítico das capas analisadas motivou-se a partir de uma experiência pessoal no 2º ano do Ensino Médio de uma escola pública da cidade de Santa Maria, RS. Com poucos recursos e carente de material didático, a instituição não dispunha de veículos informativos mais recentes. Dessa forma, decidiu-se pela escolha das capas de revistas que envolvem Luis Fernando Collor de Mello, de 1989 à 1992, por terem atingido o imaginário popular e por acreditar-se serem capazes de instigar olhares mais críticos nos alunos. Além disso, outro fator relevante foi a possibilidade de se trabalhar, a partir dos exemplares, com atividades paralelas e interdisciplinares envolvendo a matéria de História.

A Revista Veja, como uma revista semanal de informação impressa, apela para o senso estético e para o seu aperfeiçoamento imagético, o que alicerça a subjetividade do seu discurso supervalorizando o texto da fotografia jornalística em detrimento do texto verbal, principalmente nas capas.

No período de intensa mobilização política, que abrangeu a vitória de Collor para a presidência até o seu impeachment, as capas de Veja foram dotadas de discursos estratégicos significativos para a interpretação dos leitores. Esses discursos proporcionaram efeitos variados a partir de poses, planos, enquadramentos, etc., colaborando para a construção e, posteriormente, desconstrução da imagem do sujeito.

Durante todo o contexto político da sua campanha eleitoral, Collor manteve seu discurso de combate à corrupção e aos altos índices de inflação, liderando as

pesquisas do primeiro turno, até mesmo sem comparecer a nenhum debate promovido pelos meios de comunicação.

Na capa da Revista Veja, edição de 09 de agosto de 1989, intitulada “Collor no ataque: o líder da corrida ganha fôlego e faz estragos nos adversários”, o candidato aparece de perfil olhando para a esquerda, sério e com as sobrelanceiras enrugadas. O fotógrafo fez um corte no seu ombro direito e a imagem ocupa toda a extensão do lado esquerdo da capa. Ao lado direito, apresentam-se o fundo verde do quadro com as letras de destaque do título e, no espaço menor, encontra-se a chamada: “Jovens: a cidadania precoce”.

O olhar de Collor é atento ao infinito, em algo que não pertence ao quadro fotográfico que, relacionado ao texto verbal da manchete, simboliza o futuro. Dessa forma, a foto foi posada visando, intencionalmente, mostrar o personagem à frente nas pesquisas eleitorais e na busca de algo que está por vir, que é a Presidência da República.

A distância focal da câmera é muito próxima do tema principal, o que estabelece um plano médio em que o foco é o semblante e o perfil do candidato. Para Sousa (2004, p.70), “o fotógrafo deve, deste modo, privilegiar sempre uma zona de imagem que funcione claramente como foco de atenção, e que deve ser, obviamente, o motivo principal.”

A capa ganhou um corte para enfatizar o olhar do candidato na disputa e para dividir o espaço com o título que chama para o “ataque de Collor”, ou seja, a sua liderança no caminho para a presidência. Segundo Pinto (2000, p.39):

Colocação de personagens e objetos em posição de dominância espacial e do co-enunciador e destinatário na de dominado é outro recurso também bastante freqüente na imagem para definir o lugar de identificação a ser ocupado pelo espectador de carne e osso.

A imagem não apresenta simetria, já que não há uma centralização do objeto principal (Collor), porém, essa foi uma estratégia encontrada pela revista para enfatizar outros elementos, como o destaque do título e a feição do político.

A segunda manchete de capa, ao falar da conscientização e da cidadania precoce dos jovens faz uma alusão à manchete principal sobre Collor pelo fato de estarem juntas na primeira página. Isso remete aos leitores a ideia de que os assuntos estão relacionados.

Não se pode desconsiderar que, implicitamente, a Revista Veja define o candidato como favorito ao mostrá-lo, de certa forma, um quase vencedor antes do fim das eleições. O veículo não expõe questionamentos sobre o contexto da disputa e apenas, considera as metas de Collor, desfavorecendo os outros candidatos que,



segundo a revista, estão em desvantagem na campanha eleitoral. Vê-se, então, a configuração do discurso jornalístico através de implícitos que pré-estabelecem um futuro promissor para o candidato.

3.2. A vitória

Em 15 de março de 1990, o alagoano Fernando Collor vence a disputa pela Presidência da República. É o que destaca a edição de 24 de dezembro de 1989, intitulada “Collor: num país dividido”. O político mostra-se sorridente, com o olhar e os dois braços esticados voltados para cima, as mãos fechadas, o corpo inclinado para a direita. O fundo é de cor preta, havendo uma luz que reflete a parte de trás de Collor. A segunda manchete da capa situa-se sobre uma tarja amarela, com o título: “ Abílio Diniz: o sucesso da operação resgate.”

Chama-nos a atenção, como uma característica já convencional das capas de revistas, a expressão gestual e facial do político que não se direciona para a câmera. O sorriso vibrante e os braços erguidos indicam uma grande conquista, e o corpo inclinado faz destacar o título da imagem “Vitória num país dividido”. Nota-se que mesmo enfatizando a figura de Collor no centro dos acontecimentos, a revista relaciona a divisão das opiniões públicas com o corpo do presidente inclinado, a fim de simbolizar a oposição dos lados. O ângulo de tomada da imagem deu-se a partir do plano contra-plongé. Para Sousa (2004, p.74), nesse tipo de plano “a tomada da imagem faz-se de baixo para cima, tendendo a valorizar o motivo fotografado” e “com o contra-luz (iluminação por trás) valoriza-se a forma em detrimento do conteúdo, perdendo informação para ganhar conotação e valor estético formal.”

O contraste da cor negra do fundo do quadro com a iluminação voltada para o político possibilita um reflexo significativo que o exalta. Além disso, o brilho da luz

aliado à pose satisfatória do sujeito são elementos intencionais utilizados para transmitir a ideia de grandeza. Conforme Guimarães (2000, p.75):

Uma composição cromática, como toda a experiência visual, é dinâmica. As cores apresentam característica de peso, distancia e movimento que, combinadas à proporção e localização das formas, constroem uma informação complexa cuja tonalidade provoca reações diversas no observador.

A manchete situada ao lado superior esquerdo da capa trata do fim do seqüestro do empresário Abílio Diniz, do grupo Pão-de-açúcar, que foi seqüestrado em 11 de dezembro de 1989. A resistência ao seqüestro e o início de um novo governo estão relacionadas implicitamente a duas vitórias e ao sucesso, a de Abílio Diniz e a de Fernando Collor. Assim, a revista valoriza a imagem de Collor a partir de

elementos conotativos que transmitem a informação como produto de grande valor jornalístico.



3.3. Fim histórico

Após a sequência de denúncias envolvendo Fernando Collor e integrantes de seu governo, os veículos de comunicação e entidades brasileiras exigiram incessantemente a renúncia do presidente. A crise trouxe o retorno dos estudantes à atividade política e jovens saíram às ruas pintados e vestidos de verde e amarelo: eram os “caras-pintadas” clamando pelo impeachment de Fernando Collor.

Em virtude da tendência de ser afastado definitivamente do cargo e de ter suspensos seus direitos políticos por oito anos, o presidente renunciou em dezembro de 1992 com um discurso que comparava a sua história com a de Jânio Quadros e Getúlio Vargas.

A capa da revista Veja, edição de 30 de setembro de 1992, intitulada “Caiu”, encontra-se acompanhada das seguintes chamadas: “A revolução que derrubou Collor”; “O estouro da quadrilha que tomou o Planalto”; “O que muda no Brasil de Itamar Franco”. As letras do nome da revista, juntamente a palavra “Caiu!”,

apresentam a cor vermelha, e a imagem de Fernando Collor ocupa toda a página, com a cabeça baixa e o olhar voltado para o chão. Ao lado esquerdo superior, a expressão “Edição histórica: extra” é enfatizada em cor preta e sobre uma tarja branca. O mesmo jogo de cores é utilizado para as três manchetes já citadas.

A aparência mais magra e a direção do olhar de Collor nos remetem ao título exclamativo “Caiu!”. A queda da presidência, enfatizada no título e nas manchetes, junto à expressão facial do político, conotam a sua derrota definitiva. Segundo Barthes (2004, p.54) “o texto dá suporte ao que a imagem evidencia”. Todos os elementos da composição da capa, verbais e não-verbais, chamam a atenção para as transformações no cenário político nacional. Inclusive o fundo do quadro fotográfico está fora de foco para atrair o leitor ao personagem principal. Além disso, a própria chamada, situada ao lado esquerdo e superior, destaca o fato inédito e histórico de impeachment na presidência

Dessa forma, a análise das capas propõe reflexões a partir de uma imprensa que atua em busca do inusitado, informando e, ao mesmo tempo, buscando transmitir a ilusória neutralidade na transmissão dos fatos. Porém, percebe-se a significância do papel de Veja em todas as etapas do Governo Collor, desde o apoio para a candidatura, evidenciado nas capas, até as enfáticas revelações que caminham para a renúncia do político.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O gênero discursivo capa de revista, tido como “imparcial”, abarca um conjunto de mecanismos geradores de sentidos na tentativa de remeter um contrato de leitura com seu público-alvo. A partir da objetividade, que fundamenta o jornalismo atual, a política identifica a mídia como uma forma de se legitimar e se destacar. Da mesma forma, a mídia utiliza-se da política para mediar a realidade e solidificar a sua credibilidade, transmitindo acontecimentos que interessam à sociedade.

Vemos que as capas de Veja direcionam um modo de ler as informações, apoiado na sua ideologia empresarial. Contudo, há várias possibilidades de interpretações desses enunciados, as quais dependem das “atitudes responsivas

ativas” de seus leitores. Essa pluralidade de opiniões motivadas pelos elementos lingüísticos explorados no gênero é que pode desencadear uma atividade de leitura em sala de aula mais participativa e produtiva. O trabalho realizado com cada edição de uma grande revista possibilita, inclusive, relações com contextos históricos anteriores e posteriores através dos significados engendrados tanto nas imagens quanto no texto verbal.

Dessa forma, os elementos de disposição que constituem as capas, tais como o nome da revista, a cor de fundo, os títulos e subtítulos, a data de publicação, os enquadramentos, situados em lugares estratégicos, são significativos na produção de sentidos e uma fonte criativa e favorecedora para se trabalhar a sensibilidade do olhar do leitor, tornando-o capaz de detectar os conteúdos explícitos e implícitos que norteiam a trama discursiva.

NOTAS

¹ Bacharel em Jornalismo e graduanda de Letras

² Mestre em Linguística e professora FAMES

ENTRE REALIDAD Y SEDUCCIÓN: LA CONSTRUCCIÓN DE SENTIDOS EN VISTA DE PORTADAS DE LAS REVISTAS VEJA

RESUMEN

Cuando se piensa en la motivación que existe entre los jóvenes en el aula y al mismo tiempo, la espontaneidad, la creatividad y los procesos cognitivos que son características de este grupo de edad, eligese considerar cómo el género discursivo capa de revista tornase un medio para colmar algunas lagunas en las de la Lengua Portuguesa. El objetivo es analizar cómo estos contenidos verbo-visuales significan a través de los implícitos para formar lectores más críticos, reflexivos y comprometidos con el aprendizaje de nuestra lengua. El enfoque teórico se resume en la teoría dialógica de Bakhtin de la lengua cuando se trata de géneros y el análisis de los elementos dispuestos en capas se llevan a cabo por la teoría periodística de Roland Barthes, en cuanto a la

identificación de las connotaciones de la construcción del significado de la paradoja de la fotografía.

Palabras- clave: Géneros discursivos. Revistas. Lectura. Implícitos.

5 REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). Marxismo e filosofia da linguagem. (Prefácio de Roman Jakobson, Trad. Michel Lahud e Yara FrateschiVieira). 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. Estética da Criação Verbal. 5ª ed. São Paulo: Wmf Martins Flores, 2010.

BARTHES, Roland. O prazer do texto. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2004

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

FREIRE, Paulo. A importância do Ato de Ler. São Paulo: Cortez, 1994.

GUIMARÃES, Luciano. A cor como informação: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2000.

PINTO, Milton José. Comunicação e Discurso. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

REVISTA VEJA. Disponível em:
<http://veja.abril.com.br/busca/avancadaCapas.shtml?http://busca.abril.com.br/veja/bu>
[sca_capa](http://veja.abril.com.br/busca/avancadaCapas.shtml?http://busca.abril.com.br/veja/bu)
[s.shtml](http://veja.abril.com.br/busca/avancadaCapas.shtml?http://busca.abril.com.br/veja/bu). Acesso em: 09 de abril de 2011.

SOUSA, Jorge Pedro. Fotojornalismo. Introdução à História, às Técnicas e à Linguagem da Fotografia na Imprensa. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

*Recebido: 22 de setembro de 2011
 Aprovado: 01 de dezembro de 2011
 Contato: fe_wjornal@yahoo.com.br*